

Narcotráfico. Seis anos depois da intervenção dos EUA e do derrube dos talibãs, a produção de ópio continua a crescer no Afeganistão, financiando a luta contra Cabul e ameaçando as tropas da NATO. Incluindo os comandos portugueses, que vão passar para uma das regiões onde a papoila é mais cultivada

PORTUGAL APOIA A LEGALIZAÇÃO DO ÓPIO AFEGÃO

Produção de ópio afegão cresceu 32 vezes desde 2001

ARMANDO RAFAEL

Portugal poderá vir a apoiar a legalização da cultura da papoila e a produção de ópio no Afeganistão no âmbito da luta que a NATO desenvolve contra os talibãs que ameaçam o regime do Presidente Ahmad Karzai. E que, aparentemente, estão a recorrer ao narcotráfico para financiarem a sua insurreição, criando, em simultâneo, uma teia de protecções e de complicitades com os agricultores afegãos que dependem dessa cultura para sobreviverem.

Se a opção pela legalização da cultura da papoila vier a ser adoptada, o ópio afegão passaria a ser canalizado para a produção de analgésicos (*pain killers*), cuja composição assenta naquela substância (opióceos), abastecendo um mercado mundial que é deficitário e que pratica um nível de preços que é demasiado penalizador para os países do Terceiro Mundo. Ao ponto de nos hospitais de Cabul ser quase impossível encontrar a morfina ou a codeína que permitiria aliviar a dor dos doentes que ali se encontram internados.

Esta medida, que já foi proposta pelo Senlis Council, um *think tank* sediado em Paris, permitiria introduzir igualmente alguns mecanismos de controlo sobre a cultura da papoila no Afeganistão, limitando a produção de ópio e evitando que o combate ao narcotráfico continue a empurrar os agricultores afegãos para os braços dos talibãs.

Como tem vindo a suceder nos últimos cinco anos, período ao longo do qual a produção de ópio no Afeganistão subiu 32 vezes. Exemplo disso são os números citados pelos sucessivos relatórios da ONU, que deixam bem clara a forma como os agricultores e os narcotraficantes afegãos aproveitaram o caos que se seguiu à intervenção dos EUA no país e que lhes permitiu contornar muito rapidamente as medidas repressivas decretadas pelo regime talibã. Das escassas 185 toneladas de ópio que produzia em 2001, o Afeganistão

passou para as 6100 toneladas registadas em 2006. Sendo que a expectativa para este ano, quando a época das colheitas ainda vai a meio, revela que a produção afegã deverá voltar a bater todas as fasquias, denunciando o fracasso das políticas erradicação da cultura da papoila lançadas por Cabul.

A posição de Lisboa, que é anterior à recente transferência de uma companhia de comandos portugueses para a província de Kandahar, uma das regiões mais perigosas do Afeganistão, é, tanto quanto o DN apurou, idêntica às medidas que Itália, Canadá, Alemanha e Reino Unido poderão vir também a defender publicamente, ainda que elas esbarrem na intransigência dos EUA.

Resta saber o que dirá o Paquistão e, em particular, o próprio Afeganistão, onde começam a surgir também alguns sinais que vão ao encontro da proposta formulada pelo Senlis Council.

Narcotráfico afegão explica dois terços das baixas da NATO

Seja como for, o facto é que o ópio do Afeganistão, que, neste momento, representa cerca de 90% da produção mundial, tende a crescer ainda mais, ocupando já 165 mil hectares de terra arável no país. O que contrasta com os escassos 7600 hectares de papoila que existiam em 2001, meses antes de os EUA terem passado à acção, derrubando o regime talibã que servia de anfitrião a Ben Laden e à Al-Qaeda.

Sem que as novas autoridades do Afeganistão e a comunidade internacional que as sustentam tenham conseguido oferecer grandes alternativas de

TRÊS PORTUGUESES NO SENLIS COUNCIL

Mário Soares, Carlos Monjardino e Vitalino Canas integram o Comité de Sábios do Senlis Council

O Senlis Council é um *think tank* internacional, com escritórios em Londres, Paris, Bruxelas e Otava e Cabul, que se dedica aos temas de política internacional, segurança e desenvolvimento, com uma incidência especial na luta contra a proliferação da droga. Emmanuel Reinert é o director executivo.

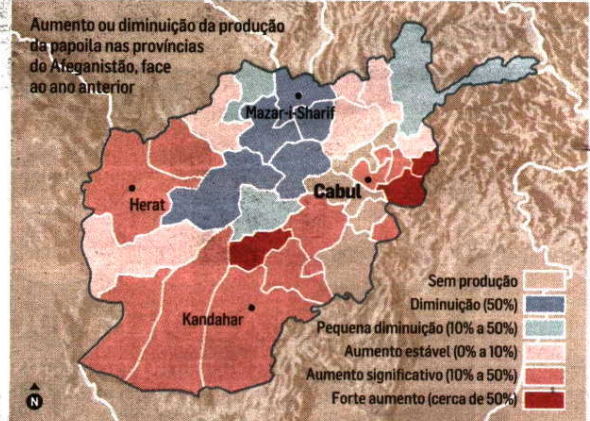
rendimento aos agricultores afegãos, que há séculos se dedicam à cultura da papoila e à produção de ópio, ganhando hoje dez vezes com o abastecimento dos narcotraficantes do que ganhariam se produzissem milho ou frutas.

Caso ainda persistissem dúvidas sobre a relação entre a produção de ópio afegã, o narcotráfico e a insurreição talibã, um estudo recente da Jamestown Foundation encarregar-se-ia de as desfazer. Nesse estudo, o *think tank* norte-americano demonstra que dois terços das baixas que a NATO sofreu até agora no Afeganistão ocorreram em províncias que são responsáveis pela produção de 62% do ópio afegão.

O que ajuda a perceber também as razões por que Helmand e Kandahar — duas províncias que em conjunto representam 54% do ópio que se produz no Afeganistão — são dois dos lugares mais inóspitos e perigosos para as forças da NATO. ■



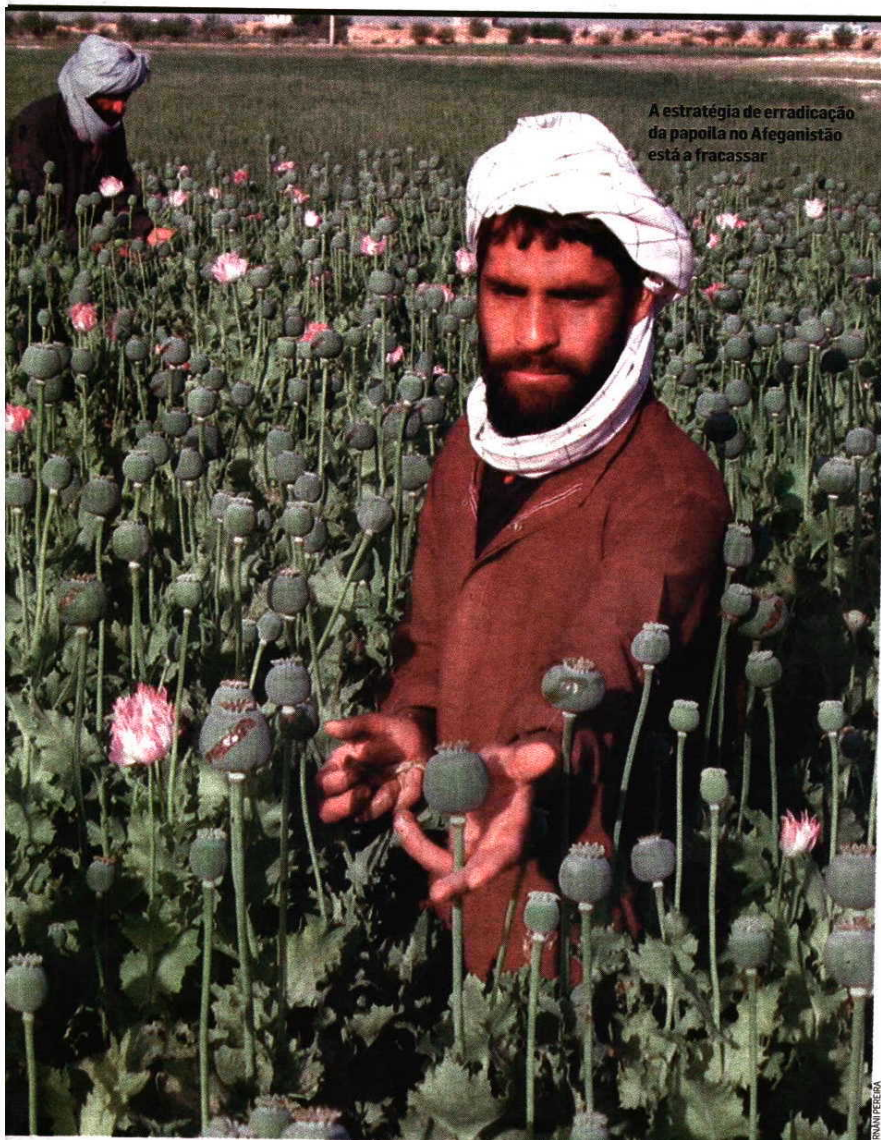
Cultura da papoila no Afeganistão



A FORÇA DO AFEGANISTÃO NO MERCADO MUNDIAL DE ÓPIO

Um quilo de ópio produzido de forma legal custa entre 17 e 25 euros, valendo, segundo a ONU, cinco vezes menos do que a produção que é canalizada para o mercado ilegal

90	165	6100	10	1	75	100
por cento	mil hectares	toneladas	por cento	kg de ópio	euros	vezes
é o valor da produção afegã no mercado mundial de ópio	é a área ocupada pela cultura da papoila no Afeganistão	foi o valor da produção de ópio no Afeganistão em 2006	da população afegã está ligada à produção de ópio	equivale a 100 gramas de heroína pura (ou seja, a 300 doses)	é o valor do grama de heroína na Europa (50% de pureza)	é o lucro dos narcotraficantes perante o agricultor afegão



A estratégia de erradicação da papoila no Afeganistão está a fracassar

Espanha e França entre grandes produtores legais

Contraste. Os americanos são os maiores consumidores mundiais de "palha de ópio"

FERNANDA CÂNCIO

Há vários países com "autorização" para cultivar ópio. Entre eles contam-se Espanha e França. Os outros são Austrália, Índia, Turquia e Hungria. As autorizações são concedidas pelo Órgão Internacional de Controle de Estupefacientes (OICE) das Nações Unidas, que representa o núcleo do "sistema proibicionista" - o sistema criado a partir de três Convenções da ONU, assinadas a partir de 1961, e que elencam um conjunto de substâncias de cultivo, venda e consumo "sob controlo". Entre elas está o ópio e uma série de derivados, como a heroína e a morfina.

O sistema proibicionista, que tem sido progressivamente posto em causa e que muitos, como é o caso do Senlis Council (*ver caixa*), consideram constituir uma parte ou mesmo o fulcro do problema - por conferir, através da proibição, um valor acrescentado fenomenal às substâncias proibidas, valor que permite alimentar circuitos criminosos de todos os tipos, incluindo os terroristas - funciona também como uma espécie de gerador de "alvarás".

Qual o critério utilizado não é fácil discernir, até porque os relatórios anuais do OICE não clarificam esse quesito, limitando-se a especificar as regras existentes em cada país para o licenciamento da produção e para a fiscalização. Parece incontroverso que Índia e Turquia terão "alvará" porque a cultura do ópio tem tradição local (facto que explica que nestes países a cultura seja assegurada por grande número

de pequenos agricultores, enquanto que em todos os outros países com autorização seja um pequeno número de grandes propriedades/empresas a ocupar-se desse cultivo) e porque, presume-se, as autoridades terão dado garantias de controlo das culturas. Quanto à Austrália, à Espanha, à França e à Hungria, são produtores recentes - a Austrália, que foi durante a última década o principal produtor de "palha de ópio", só iniciou o cultivo nos anos sessenta; a França, em 2005 o maior produtor mundial, duplicou a produção desde 2000; e a Hungria decuplicou a produção entre 2000 e 2004.

Só a Índia tem autorização para a produção de pasta de ópio (obtida a partir de uma técnica que passa por fazer incisões na papoila, que permitem recolher um líquido que dá origem à "pasta"), enquanto todos os outros produzem e exportam "palha de ópio" (a planta seca), que pode ser rica em mor-

Alguns países com 'alvará' são Índia, Turquia e Austrália

fina ou noutras substâncias opiáceas. Por ironia, os EUA - considerados o fulcro do sistema proibicionista e o principal entrave a uma mudança de paradigma nesta questão - apresentam-se como os maiores consumidores mundiais de palha de ópio e de pasta de ópio, que compram e processam para produzir morfina, codeína e outras substâncias utilizadas para produzir anestésicos poderosos. Em 2005, segundo o OICE, a produção legal ficou aquém das necessidades do mercado. ■

Entrevista Vitalino Canas

"É necessário dar uma alternativa aos camponeses que cultivam ópio"

Que razões levaram o Senlis Council a propor a despenalização da cultura da papoila no Afeganistão?

O que está em causa não é a descriminalização da cultura da papoila do ópio no Afeganistão, mas o desvio dessa cultura para a produção legal de medicamentos. Como a codeína ou a morfina, dois *pain killers* de que há um défice mundial, que penaliza, sobretudo, os países em vias de desenvolvimento. Além disso, é preciso ter também em conta que as políticas de erradicação estão a deixar os camponeses sem alternativas de subsistência, atirando-os contra as autoridades. O Senlis Council entende que é necessário dar alternativas. Os camponeses que aderirem ao projecto passarão a estar dentro da lei. Os outros devem ser punidos.

Se não houvesse guerra, a proposta teria justificação?

O facto de haver guerra torna tudo mais premente. Até porque os talibãs estão a aproveitar a repressão contra os camponeses para os virar contra o Governo e contra as forças aliadas. Mas, mesmo que não houvesse guerra, a proposta justificava-se. Apesar das campanhas de erradicação, o Afeganistão produz cada vez mais papoila e ópio, como revelam as agências internacionais. Isso mostra que as políticas baseadas na erradicação forçada não surtem efeito e que são necessárias soluções mais inteligentes, baseadas na colaboração dos próprios produtores.

Como é que esta proposta pode ser posta em prática?

Terá de ter o apoio do Afeganistão e da comunidade internacional. Alguns governos têm mostrado abertura, interesse ou até apoio. Os italianos, por exemplo, têm mostrado apoio. Na Alemanha e em Portugal, também há quem entenda que esta é uma proposta incontornável. E o primeiro-ministro Tony Blair já pediu que ela fosse estudada no Reino Unido. O Paquistão já mostrou também alguma abertura. Há, portanto, um processo de consenso que está em evolução. Mas a proposta terá, obviamente, de mostrar viabilidade técnica e é nisso que o Senlis Council está a trabalhar.

De que forma?

É preciso demonstrar que é possível produzir a matéria-prima da codeína e da morfina nas aldeias afegãs, com valor suficientemente atractivo. Depois é necessário encontrar um mercado receptor. Mas isso é certamente possível: há muitos países que têm um acesso muito deficitário aos medicamentos que utilizam a papoila do ópio como matéria-prima.

Esta proposta não poderá criar novos focos de instabilidade, nomeadamente no Paquistão?

A situação não podia ser pior: o consumo de heroína tem subido no Afeganistão e nos países vizinhos, como o Paquistão. E os traficantes estão a criar nestes países economias baseadas no narcotráfico.

A experiência turca foi tida em conta nesta proposta do Senlis Council?

Naturalmente. O que só demonstra que este projecto é possível. ■ -A.R.



A experiência turca só demonstra que este projecto [do Senlis Council] é possível

Vitalino Canas

Advogado e deputado do PS



'Alvará' da ONU para a cultura do ópio baseia-se na tradição local

ID: 17157624	Diário de Notícias	Tiragem: 60300	Página: 1
Data: 28-05-2007		País: Portugal	Cores: Cor
		Âmbito: Informação Geral	Área: 5,15X3,16 cm2
		Perid.: Diária	Corte: 3 de 3

CISION[®]

Portugal apoia ópio no Afeganistão

A legalização da produção de
ópio é apoiada no âmbito da luta
da NATO contra os talibãs.

Reportagem, págs. 32 e 33